

MEMÓRIAS DE UMA ATIVISTA

Leilane Leandro Assunção da Silva *

Nos primeiros anos do século XXI um grupo relativamente reduzido de estudantes (no começo não passávamos de 7 ou 8 indivíduos) no setor II da UFRN discutiam e acima de tudo faziam uso de Cannabis, além de outras drogas recreativas legais ou não. Naqueles anos, as marchas da maconha ainda eram embrionárias, reduzidas a centros como Rio de Janeiro e São Paulo, mas já havia dentre alguns de nós o desejo de promover algum tipo de ação que garantisse livre acesso às mentes e aos corpos de cada um. No limite, a discussão que se postava era sobre liberdade e direitos humanos

No início toda articulação e organização são difíceis, para nós não foi diferente, além disso, a conjuntura política era outra, comparativamente aos dias atuais, o espaço para esse tipo de questão era consideravelmente mais fechado. Nesse cenário, e também no de hoje, num espaço donde proliferaram inúmeras idéias e ações que marcaram uma geração e sua maneira de ver o mundo, esse grupo pode muito bem ser definido no mínimo como libertário. Nosso corredor era colorido por exposições, xadrez, livros, “war”, música, peteca, poesia e muito, muito debate sobre o mundo, a arte, a ciência, suas relações, a existencialidade, a ontologia do ser, o engajamento.

Em algum momento por volta de 2006 os conflitos que esse grupo de estudantes travava com o *establishment* reacionário que dominava a instituição, a partir de seu aparelho repressor especial, a segurança do campus, foram se agudizando. Eram vários os enfrentamentos que envolviam o livre devir estudantil e a incompreensão de uma geração educada sob o porrete repressor e alienador da ditadura, incapacitada, portanto, de compreender a profundidade das reivindicações dos estudantes Cannabisistas do setor II. Em meados do ano de 2007 essas disputas culminaram numa perseguição generalizada por parte d e tal aparelho a todas as

* Doutora em Ciências Sociais (UFRN). Professora substituta do Departamento de História da UFRN, membro fundador do coletivo Cannabisativa, representante do Brasil na LANPUD.

ações destes estudantes (alguns em sua geração, dos mais aplicados e produtivos alunos), muitas vezes chegando a extremos de violação dos direitos de ir e vir e de livre reunião, quando chegavam segurando armas que sem o menor preparo político-cidadão nos diziam que não podíamos estar no corredor se não estávamos em aula, que não podíamos conversar fora do horário de aula, como se o horário de aula fosse o único momento de aprendizagem significativa na vivência universitária.

Numa reação bem humorada e carregada de simbolismo, nosso grupo, a essa altura bem ampliado já passávamos de 20 pessoas, promoveu nos horários do intervalo do matutino e noturno o que chamamos na época de “Enterro do Lúdico”. Essa intervenção constituiu-se basicamente no cortejo pelo corredor com um caixão feito de papelão e pintado de preto com os escritos em vermelho: “Aqui jaz o Lúdico”. Um texto foi lido, onde se resumia as reivindicações do grupo, basicamente o que já foi aqui dito: liberdade, direito ao livre devir, a livre apropriação dos corpos e das mentes.

Desde então, as disputas hora aumentavam hora diminuía, passando por momentos mais tensos como tentativas de coação, disciplinamento, e intimidação institucional, até momentos de quase que total ausência de repressão, criando por alguns períodos a impressão da inexistência de proibições sobre o devir libertário. Finalmente, no ano de 2010, ano em que a depoente deste relato completava dez anos como estudante da UFRN (Graduação, Mestrado e Doutorado) aquele reduzido grupo de estudantes agora representava um grande grupo que beirava os 100 indivíduos, claro que não numa relação de tanta proximidade e amizade quanto no passado, mas ainda com interesses e desejos afins: uma relação mais libertária com o espaço em questão. Nesse tempo também houve mudança de conjuntura, o debate antiproibicionista brasileiro avançou muito superando as assimetrias regionais e se nacionalizando de fato, as marchas da maconha se espalharam pelo Brasil e nosso grupo se sentia cada vez mais impelido a conectar-se a esse movimento maior e trazer o debate, a luta, de maneira organizada para Natal.

Foi então que algo agiu para tornar esse desejo, esse impulso, numa ação objetiva, real, direta. Num fim de tarde dos idos de março de 2010 um número relativamente numeroso de estudantes Cannabistas se concentravam numa praça localizada no largo da Adurn, setor II da UFRN. Dentre animados e inteligentes

papos, regados ao uso da erva da paz, fomos surpreendidos por mais uma abordagem de seguranças da UFRN, uma das primeiras com a existência dos seguranças privados (de longe muito mais mal preparados para exercer sua função que aqueles funcionários efetivos da Universidade), como se fosse uma operação policial, militar, eles chegaram e nos cercaram na pracinha, formando um círculo em torno de nós creio que com função intimidadora. Diante de tal abordagem que visivelmente visava nos constranger e intimidar, não demoramos em responder, um de nós puxou o coro do clássico samba de Bezerra da Silva “Vou apertar mais não vou acender agora, se segura malandro, pra fazer a cabeça tem hora”... Rapidamente o coro ganhou força e com muito bom humor conseguimos ridicularizar a atitude dos nossos algozes, que, desmoralizados, mais uma vez recuaram atordoados sem saber como reagir diante de tamanha criatividade e pacifismo.

Apesar de mais essa vitória, nosso grupo não estava satisfeito, queríamos finalmente ser ouvidos, queríamos um debate sério sobre o uso de drogas na Universidade e na sociedade como um todo, um debate que não passasse pelo preconceito e moralismo do senso comum, queríamos o fim da perseguição. Talvez uma utopia não alcançável mesmo com a possível futura legalização, mas foi aí que decidimos fundar um coletivo para discutir a legalização das drogas em geral, da maconha em particular, inicialmente no âmbito universitário mas também no da sociedade em geral, visto entendermos que a problemática da proibição das drogas perpassa os maiores problemas que atingem nossa moderna sociedade de classes.

Uma vez fundado, o Coletivo antiproibicionista, de estudantes e demais frequentadores do setor II da UFRN, Cannabisativa se impôs, de saída, uma agenda maior do que aquela prevista e cumprida na época pela maioria dos coletivos. Enquanto os demais coletivos em sua maioria se concentravam apenas na realização da marcha da maconha nós queríamos mais, queríamos promover um debate que não só informasse a sociedade sobre a questão, como acima de tudo pudesse aprofundar a politização do próprio coletivo acerca do debate sobre cultura e política de drogas. Foi nesse contexto que surgiu o primeiro ciclo de debates antiproibicionistas, por nós chamado na época de “I ciclo de debates sobre Cannabis e preconceitos” que contou com a organização do nosso coletivo e recebeu alguns professores de áreas como a história, a sociologia e neurociência para debater o

tema, nomes como os Professores Maria Emilia Monteiro Porto do Departamento de História, Edmilson Lopes Junior do Departamento de Ciências Sociais e Sidarta Ribeiro do Instituto do Cérebro. O sucesso foi absoluto, auditórios lotados para debater, ouvir, aprender sobre o tema, estávamos em polvorosa, por que além de todo o sucesso dentre nosso próprio público foi a primeira vez que no âmbito da UFRN a temática das drogas foi debatida longe dos achismos morais e fundamentalismos religiosos.

A função do ciclo de debates como já foi dita era acima de tudo politizar a militância para a realização da primeira marcha da maconha de Natal que nós prevíamos para maio daquele ano em conexão com o calendário oficial das marchas da maconha no Brasil e no mundo. Entre a realização do ciclo e a data estabelecida para a realização da marcha nos dedicamos a providenciar toda a logística necessária para o acontecimento. Logo descobrimos o quanto seria complicado e cansativo lidar com burocracias que não tinham a menor boa vontade ou simpatia em relação a nossa luta. O nosso primeiro habeas corpus para realizar nossa primeira marcha da maconha, por exemplo, foi negado. Diante disso e da ameaça real na época de repressão policial à nossa manifestação, fomos levados a suspender a marcha, reagrupar e reorganizar nossa estratégia.

“Um passo para trás para dar dois passos para frente”. E foi assim que através de articulação jurídica, conscientização coletiva e senso de oportunidade, realizamos a primeira marcha da maconha de Natal dentro da UFRN em plena Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Isso nos permitiu ter um excelente “escudo” institucional que nos resguardou de qualquer intervenção truculenta por parte da polícia, além de ter garantido uma visibilidade muito boa para a marcha o que também foi inesperado.

No decorrer de 2010 até a passagem para 2011 o coletivo se empolgou e iniciamos novas atividades, dentre elas o cine cannabico e também o que chamamos de “Conversa com autor”. Ocasão na qual recebíamos autores de textos pré selecionados e lidos pelos participantes quando podíamos sabatina-los sobre seus escritos de maneira direta. Em abril de 2011 fizemos o II Ciclo de debates antiproibicionistas, desta vez recebendo nosso primeiro convidado externo, o antropólogo sergipano Sérgio Vidal, além de termos contado também com a

presença dos professores Edmundo da Antropologia e Haroldo Loguercio da História, representantes da casa que ampliaram e contribuíram com o debate cada um desde sua respectiva área, mas possibilitando um intercâmbio interdisciplinar.

A marcha da maconha de Natal de 2011 realizada em Ponta Negra – um dos principais pontos turísticos da cidade de Natal e reduto boêmio no seu casco antigo- segue sendo até hoje nossa maior e mais bem sucedida atividade não acadêmica. Atingimos o numero de cerca de mil pessoas na rua, praticamente dobrando o numero da primeira marcha, fizemos uma bela festa, tivemos ótimas falas políticas, emocionadas, nisso repetindo 2010, que demonstraram o amadurecimento do coletivo em particular e do movimento antiproibicionista potiguar como um todo.

Justamente no momento em que experimentava seu auge o coletivo foi baqueado pelas primeiras baixas, graças a divergências de interpretação, orientação política e ideológica pessoal e coletivas, alguns membros fundadores do coletivo se afastaram, resguardando para si o justo direito da crítica, mas se furtando desde então a qualquer ação mais direta e objetiva. Em 2012 apesar das recentes baixas realizamos o III ciclo de debates antiproibicionistas que foi um sucesso absoluto de “publico e critica”, trouxemos grandes nomes do cenário nacional para nosso debate, como o neurocientista Renato Malcher da UnB e o antropólogo Edward MacRae da UFBA, além de contarmos mais uma vez com a preciosa contribuição dos professores da casa, desta vez representados pelo filosofo Oscar Baschwitz e a educadora Ceíça Almeida, destacando mais uma vez, a contribuição sempre valiosa do nosso querido Sidarta Ribeiro.

As disputas e divergências entre os membros restantes do coletivo e aqueles que o abandonaram, conduziram a uma realização compartilhada da marcha da maconha de 2012 na Praia do Meio, a única que não contou com organização exclusiva do coletivo Cannabisativa. Coincidência ou não, o público da marcha caiu drasticamente (de cerca de mil em 2011 para no máximo 300 pessoas em 2012). Das lições que ficaram desse fracasso parcial, o coletivo se fortaleceu, recebendo de volta em seu ceio alguns dissidentes convencidos da necessidade de união nessas lutas ao mesmo tempo em que se extirpou de determinados indivíduos que não contribuíam com o movimento de maneira efetiva. Além disso, eu, umas das

fundadoras do coletivo, comecei a me projetar como ativista de direitos humanos, direitos das pessoas que usam drogas, no cenário nacional, ao ser eleita em outubro de 2012 representante do Brasil na LANPUD (Rede Latino-americana de Pessoas que Usam Drogas), demonstrando dessa forma a consolidação da luta do nosso coletivo, reconhecido como um dos mais atuantes e politizados do Brasil.

Em 2013, com a realização do CID (Congresso Internacional sobre Drogas) no início do mês de maio em Brasília, o coletivo Cannabissativa, mais uma vez unificado, decidiu adiar o próprio evento antiproibicionista para o segundo semestre e se lançou à realização da marcha da maconha de Natal que, de acordo com nosso projeto original de fazer a marcha rodar os diversos bairros da cidade do Natal, deveria realizar-se nesse ano entre o bairro Alecrim e o Centro de cidade. Apesar de desde 2011 o STF ter julgado como legais e legítimas a realização das marchas da maconha, foi somente no ano de 2013 que passamos a ser menos incomodados pela polícia, a qual passou a acompanhar a marcha cada vez mais de longe, para nosso alívio e orgulho, sinal da seriedade com a qual conquistamos um espaço público de manifestação. Foi também no ano de 2013 que assistimos pela primeira vez alguns partidos políticos de esquerda chegando na marcha, levantando bandeiras, fazendo falas de apoio, alguns até fornecendo parte da estrutura de realização do evento. Mais uma vez acolhemos isso como sinal de sucesso: fomos finalmente reconhecidos dentro da agenda maior dos movimentos sociais, uma grande vitória para aqueles que eram estigmatizados até dentre os estigmatizados. A participação do coletivo e da LANPUD através de minha pessoa no CID-2013 foi um sucesso, uma mesa redonda bastante comentada que provocou o debate em torno dos direitos da pessoa que usa drogas e a problemática do questionamento da laicidade do Estado por parte dos fundamentalistas cristãos.

No mês de outubro de 2013 realizamos, o já aquela altura consolidado nacionalmente, IV ciclo de debates antiproibicionistas. Este evento teve como grande atração a presença do renomado médico humanista Professor Antônio Nery Filho, além dos professores da UFRN Luiz Carlos Jafelici do Departamento de Física e Sebastião Vargas do Departamento de História. Em começos de 2014 deliberamos pela volta do ciclo de debates para o primeiro semestre, sendo realizado em março do corrente ano a quinta edição deste evento que agora caminha para sua

internacionalização (pretendemos trazer alguém do Uruguai no próximo ano). Nesta quinta edição contamos mais uma vez com a contribuição do nosso caríssimo Edward MacRae, além de Wagner Coutinho Secretário da ABESUP, contamos também com a inédita presença de um legislador profissional entre nós, o vereador Hugo Manso, além da brilhante intervenção do Professor do Departamento de Direito da UFRN Leonardo Martins. A marcha da maconha de Natal em 2014 foi um sucesso, o público voltou a subir, passando novamente das 500 pessoas (mantendo estabilidade em relação ao ano anterior). O local escolhido para a manifestação foi a praia da Redinha, considerada uma região periférica de Natal e a receptividade da população à temática do nosso debate surpreendeu positivamente a todos nós, a marcha desse ano não foi a maior nem a mais bem organizada, mais foi a melhor, por ter sido a que mais foi abraçada pela comunidade.

Por fim, fica o relato inacabado por tratar-se de uma luta inacabada, o coletivo passa nesse momento por seu maior desafio, um questionamento interno que o acompanha desde sua fundação: como conduzir e fomentar essa luta? Como desenvolver esse debate fora dos muros privilegiados e protegidos da UFRN? Não apenas como algo pontual, como é com as marchas da maconha, mais de maneira mais cotidiana, permanente, de modo a afetar mais diretamente a realidade sócio-cultural das pessoas que se busca atingir, a juventude, especialmente pobre e negra das periferias. Ações diretas, inclusivas, afirmadoras, dessas pessoas, as pessoas que usam drogas, especialmente as que estão em situação de vulnerabilidade, é a grande busca do nosso coletivo.